

Duas Tácticas

Vladimir Ilitch Lénine
1905

Publicado no jornal Vperiod, n.º 6
14 (1) de Fevereiro de 1905

Presente tradução na versão das Obras Escolhidas de V.I.Lénine
Edição em Português da Editorial Avante, 1986, t1, pp 127-135
Traduzido das O. Completas de VI Lénine 5ªEd. russo t.9, pp. 254-263

Desde o próprio princípio do movimento operário de massas na Rússia, isto é, há já aproximadamente dez anos, que existem entre os sociais-democratas profundas divergências quanto às questões de tática. Como é sabido, foram precisamente divergências deste género que provocaram na segunda metade dos anos 90 a corrente do «economismo», que conduziu à cisão em ala oportunista (rabotchedelista¹) e revolucionária (velho-iskrista²) do partido. Mas o oportunismo social-democrata russo diferia do oeste-europeu devido a particularidades originais. Ele reflectia com extraordinário relevo o ponto de vista, ou melhor, a ausência de qualquer ponto de vista independente da ala intelectual do partido, entusiasmada tanto pelas palavrinhas em voga do bernsteinianismo como pelos resultados imediatos e formas do movimento puramente operário. Este entusiasmo conduziu à traição geral dos marxistas legais, que passaram para o liberalismo, e à criação por sociais-democratas da famosa teoria da «tática-processo», que ligou solidamente a alcunha de seguidistas dada aos nossos oportunistas. Eles arrastavam-se irremediavelmente atrás dos acontecimentos, lançavam-se de um extremo a outro, rebaixavam em todos os casos a dimensão da actividade do proletariado revolucionário e a fé nas suas forças, e, além disso, tudo isto era em primeiro lugar e na maior parte das vezes encoberto com a referência à actividade independente do proletariado. É estranho, mas é um facto. Ninguém discorria tanto sobre a actividade independente dos operários e ninguém limitava, cerceava, rebaixava tanto esta actividade independente com a sua propaganda como os rabotchedelistas. «Falai menos da "elevação da actividade da massa operária"», diziam os operários conscientes e avançados aos seus zelosos mas pouco inteligentes conselheiros. «Temos muito maior actividade do que pensais, e sabemos apoiar através de uma luta aberta nas ruas mesmo as reivindicações que não prometem qualquer "resultado tangível"! E não sois vós que elevareis a nossa actividade, porque essa actividade é precisamente o que vos falta. Não vos prosterneis tanto perante a espontaneidade e pensai mais em elevar a vossa própria actividade, senhores!» Eis como tinha de se caracterizar a atitude dos operários revolucionários para com os intelectuais oportunistas (*Que Fazer?*, p. 55³). Os dois passos atrás dados pelo novo Iskra em direcção à *Rabótshee Delo* ressuscitaram esta atitude. Das páginas do *Iskra* começou novamente a derramar-se a propaganda do seguidismo, encoberta pelas mesmas juras nauseantes: em verdade, Senhor, creio e professo a actividade independente do proletariado. Em nome da actividade independente do proletariado, Axelrod e Martínov, Mártoov e Líber (bundista) defenderam no congresso o direito dos professores e dos estudantes liceais a inscreverem-se como membros do partido sem fazer parte de nenhuma organização. Em nome da actividade independente do proletariado criou-se a teoria da «organização-processo», que justificava a desorganização e glorificava o anarquismo dos intelectuais. Foi em nome da actividade independente do proletariado que foi inventada a não menos famosa teoria do «tipo superior de manifestação» sob a forma de um **acordo** de uma deputação operária peneirada através de eleições em três graus **com os zémtsi**⁴ sobre uma manifestação pacífica sem criar o medo pânico. Foi em nome da actividade independente do proletariado que foi deturpada e vulgarizada, rebaixada e embrulhada a ideia da insurreição armada.

Em vista da sua enorme importância prática, temos a intenção de deter a atenção do leitor nesta última questão. O desenvolvimento do movimento operário troçou cruelmente dos sabichões do novo *Iskra*. Mal se tinha ainda difundido na Rússia a sua primeira carta, onde, em nome do «processo de desenvolvimento planificado da consciência de classe e da actividade independente do proletariado», se recomendava, como um tipo superior de manifestação, «enviar pelo correio a declaração dos operários para casa dos conselheiros municipais e espalhá-la em número

1 Do nome da revista *Rabótshee Delo*. (N. Ed.)

2 Partidária do velho *Iskra*, isto é, antes de ser dominado pela minoria do partido. (N. Ed.)

3 Ver V. I. Lênine, *Obras Escolhidas em três tomos*, Edições «Avante!»--Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1977, t. I, p. 132. (N. Ed.)

4 **Zémtsi**: personalidades dos *zemtvos* (órgãos de auto-administração local com direitos extremamente limitados, introduzidos nas *gubérnias* centrais da Rússia em 1864). Entre os *zémtsi* havia representantes da intelectualidade e latifundiários liberais com um espírito de oposição à autocracia. Mas, estando na oposição, os *zémtsi* temiam ao mesmo tempo o desenvolvimento da revolução.

significativo na sala da assembleia do *zemstvo*»; mal tinha ainda chegado à Rússia a sua segunda carta, onde se fazia a descoberta perfeitamente estupenda de que no presente «momento histórico a cena política está preenchida (!) pelo litígio entre a burguesia organizada e a burocracia» e de que «o sentido objectivo de qualquer (ouçam, ouçam!) movimento revolucionário nas camadas inferiores é só um (!) e se reduz a apoiar as palavras de ordem daquela das duas (!!) forças que está interessada na destruição do actual regime» (a intelectualidade democrática era declarada «uma força»); não tinham ainda os operários conscientes acabado de ler estas cartas magníficas e de as ridicularizar um bom bocado quando os acontecimentos da luta real do proletariado varreram de uma vez todos estes trastes políticos dos publicistas novo-iskristas para o caixote do lixo. O proletariado mostrou que existe uma terceira (no fundo, naturalmente, não é a terceira mas a segunda pela ordem e a primeira pela capacidade de combate) **força**, não só interessada na destruição mas **pronta a passar à verdadeira destruição** da autocracia. A partir de 9 de Janeiro⁵, o movimento operário **transforma-se** diante dos nossos olhos em insurreição popular.

Mas vejamos como avaliaram esta passagem à insurreição os sociais-democratas, que a tinham discutido previamente como uma questão de tática, e como os próprios operários começaram a resolver esta questão na prática.

Eis o que se disse há três anos sobre a insurreição como palavra de ordem que define as nossas tarefas práticas imediatas: «Imaginemos uma insurreição popular. Hoje, provavelmente, todos concordarão que devemos pensar nela e prepararmo-nos para ela. Mas como prepararmo-nos? Terá o Comité Central de designar agentes em todas as localidades para preparar a insurreição? Mesmo que tivéssemos um Comité Central, este CC não conseguiria absolutamente nada designando-os, dadas as actuais condições da Rússia.

Pelo contrário, uma rede de agentes que se forme por si própria no trabalho de organização e de difusão de um jornal comum não teria de "esperar de braços cruzados" a palavra de ordem da insurreição, mas faria precisamente um trabalho regular que lhe garantiria, em caso de insurreição, as maiores probabilidades de êxito. Precisamente este trabalho reforçaria os laços de união tanto com as mais amplas massas operárias como com todos os sectores descontentes com a autocracia, o que tem tanta importância para a insurreição. Precisamente com base nesta obra formar-se-ia a capacidade de avaliar acertadamente a situação política geral e, por consequência, a capacidade para escolher o momento adequado para a insurreição. Precisamente esta obra habituará **todas** as organizações locais a fazerem-se eco, simultaneamente, de todos os problemas, incidentes ou acontecimentos políticos que apaixonam toda a Rússia, a responder a esses acontecimentos da maneira mais enérgica, mais uniforme e mais conveniente possível; e, no fundo, a insurreição é a "resposta" mais enérgica, mais uniforme e mais conveniente de todo o povo ao governo. Precisamente este trabalho, por fim, habituará todas as organizações revolucionárias, em todos os cantos da Rússia, a manter entre si as relações mais constantes e ao mesmo tempo mais

5 O ano de 1905 começou na Rússia com grandes acontecimentos históricos. Em 3 de Janeiro, em Sampetersburgo, rebentou uma greve na fábrica Putílov, greve em que participaram 13 000 operários. Estes foram apoiados pelos operários de outras empresas da cidade e em 7 de Janeiro a greve tornou-se geral.

O governo tsarista tentou por todos os meios fazer parar o movimento operário. Esperando pôr-lhe fim logo no princípio e intimidar os operários, preparou uma repressão sangrenta contra o proletariado. Foram concentrados em Sampetersburgo mais de 40 000 soldados e polícias. Deu provas de particular actividade a organização Assembleia dos Operários Fabris Russos de Sampetersburgo, dirigida pelo sacerdote Gapone, a qual abrangia cerca de 9000 pessoas. Gapone, que era um agente secreto da polícia política, propôs aos operários organizar um desfile até ao tsar para lhe entregar uma petição com as suas necessidades. Os operários acreditaram em Gapone e apoiaram-no. Os bolcheviques preveniram para o carácter infrutífero de tais petições mas, vendo que não conseguiam impedir o desfile, decidiram marchar ao lado dos operários.

A prevenção dos bolcheviques justificou-se plenamente. No domingo 9 de Janeiro de 1905, mais de 140 000 proletários de Sampetersburgo, juntamente com mulheres e crianças, sublinhando deste modo o carácter pacífico do desfile, dirigiram-se para o palácio do tsar, onde foram recebidos a tiros de espingarda. Foram mortas mais de mil pessoas e feridas duas mil. O dia 9 de Janeiro de 1905 recebeu o nome de «Domingo Sangrente».

conspirativas, relações que criariam a unidade **efectiva** do partido; e sem estas relações não é possível discutir colectivamente um plano de insurreição nem adoptar em vésperas desta última as medidas preparatórias indispensáveis, medidas que devem ser mantidas no mais rigoroso segredo.

«Numa palavra, "o plano de um jornal político para toda a Rússia", longe de ser o fruto de um trabalho de gabinete de pessoas contaminadas pelo doutrinário e pelo literatismo (como pareceu a pessoas que meditaram pouco nele), é, pelo contrário, o plano mais prático para **começar, em toda a parte e imediatamente, a prepararmo-nos para a insurreição, sem esquecer ao mesmo tempo nem um instante o trabalho normal de todos os dias.**» (Que Fazer?⁶)

As palavras finais sublinhadas por nós dão uma clara resposta à questão de saber como imaginavam os sociais-democratas revolucionários o trabalho de preparação da insurreição. Mas, por mais clara que seja esta resposta, a velha táctica seguidista não podia deixar de se manifestar também neste ponto. Martínov publicou muito recentemente a brochura *Duas Ditaduras*, particularmente recomendada pelo novo *Iskra* (n.º 84). O autor indigna-se do mais profundo do seu coração rabotchedelista com o facto de Lênine ter podido falar de «preparar, **marcar** e levar a cabo a insurreição armada de todo o povo». O terrível Martínov desbarata o inimigo: «A social-democracia internacional, com base na experiência histórica e na análise científica da dinâmica das forças sociais, sempre reconheceu que só as revoluções palacianas e os pronunciamentos podem ser previamente **marcados** e levados a cabo com êxito segundo um plano previamente preparado, e precisamente porque elas não são revoluções populares, isto é, revoluções nas relações sociais, mas apenas um novo baralhar de cartas na clique dirigente. A social-democracia sempre e em toda a parte reconheceu que uma revolução popular não pode ser previamente **marcada**, que ela não se prepara artificialmente, mas se realiza por si.»

Talvez, depois de ler esta tirada, o leitor diga que Martínov evidentemente «não é» um adversário sério e que é ridículo toma-lo a sério. Concordaríamos plenamente com esse leitor. Diríamos mesmo a esse leitor que não há no mundo pior tormento do que tomar a sério todas as teorias e todas as considerações dos nossos novo-iskristas. O mal é que estes disparates também figuram nos editoriais do *Iskra* (n.º 62). Um mal ainda maior é que no partido há pessoas, e não são poucas, que enchem a cabeça com estes disparates. E temos de falar de coisas que não são sérias, do mesmo modo que temos de falar da «teoria» de Rosa Luxemburg, que descobriu a «organização-processo». É preciso explicar a Martínov que não se deve confundir insurreição com revolução popular. Temos de fazer ver que as profundas referências à revolução nas relações sociais, quando se está a resolver a questão prática dos métodos para derrubar a autocracia russa, são dignos apenas de um Kifa Mokievitch⁷. Esta revolução começou na Rússia já com a queda da servidão, e é precisamente o atraso da nossa superestrutura política em relação à revolução realizada nas relações sociais que torna inevitável a falência da superestrutura, e é perfeitamente possível a falência de uma só vez, **com um só golpe**, pois a «revolução popular» na Rússia já assestou cem golpes no tsarismo, e se será o centésimo primeiro ou o centésimo décimo golpe a acabar com ele é coisa que não se sabe. Só intelectuais oportunistas, que atribuem o seu filistinismo aos proletários, podem, numa altura em que se discutem na prática os meios de assestar um dos golpes da segunda centena, manifestar os seus conhecimentos liceais acerca da «revolução nas relações sociais». Só os oportunistas do novo *Iskra* podem gritar histericamente sobre um horrível plano «jacobino» cujo centro de gravidade reside, como vimos, numa agitação política maciça em todos os aspectos com a ajuda de um jornal político!

6 V. I. Lênine, Obras Escolhidas em três tomos, Edições «Avante!»-Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1977, t. I, p. 205. (N. Ed.)

7 **Kifa Mokievitch**: uma das personagens da obra de N. V. Gógol *Almas Mortas*, em cujo exemplo o autor traça o tipo do homem ocupado com questões ociosas e absurdas.

Não pode ser marcada a revolução popular, isso é correcto. Não se pode deixar de elogiar Martínov e o autor do editorial do n.º 62 do *Iskra* por conhecerem esta verdade («e além do mais, de que preparação da insurreição em geral é que se pode tratar no nosso partido?», perguntou aí, lutando contra os «utopistas», um fiel companheiro de armas ou discípulo de Martínov). Mas marcar a insurreição, se realmente a preparámos e se é possível uma insurreição popular devido às revoluções nas relações sociais **que já tiveram lugar**, é uma coisa perfeitamente realizável. Tentaremos explicar isto aos novo-iskristas com um exemplo simples. Pode-se marcar o movimento operário? Não, não se pode, porque ele se forma por mil actos separados gerados por uma revolução nas relações sociais. Pode-se marcar uma greve? Pode, apesar de - imagine, camarada Martínov -, **apesar** de cada greve ser o resultado de uma revolução nas relações sociais. Quando é que se pode marcar uma greve? Quando a organização ou círculo que a marcam gozam de influência entre a **massa** dos operários em causa e são capazes de avaliar correctamente o momento de crescente descontentamento e irritação na massa dos operários. Perceberam agora de que é que se trata, camarada Martínov e camarada «editorialista» do número 62 do *Iskra*? Se perceberam, dêem-se agora ao trabalho de comparar a insurreição com a revolução popular. «A revolução popular não pode ser previamente marcada.» A insurreição pode ser marcada quando aqueles que a marcam gozam de influência entre a massa e são capazes de avaliar correctamente o momento.

Felizmente, a actividade independente dos operários avançados está muito à frente da filosofia seguidista do novo *Iskra*. Enquanto ele se desfaz em teorias que provam que a insurreição não pode ser marcada por aqueles que se prepararam para ela, organizando o destacamento de vanguarda da classe revolucionária, os acontecimentos mostram que podem marcar a insurreição e são por vezes obrigadas a marcá-la pessoas que não se prepararam.

Eis uma proclamação que nos foi enviada por um camarada de Sampetersburgo. Ela foi composta, impressa e difundida em mais de 10 000 exemplares pelos próprios operários, que em 10 de Janeiro se apoderaram em Sampetersburgo de uma tipografia legal.

«Proletários de todos os países, uni-vos!

«**Cidadãos!** Ontem vistes a selvajaria do governo autocrático! Vistes o sangue que inundava as ruas! Vistes mortos centenas de combatentes pela causa operária, vistes a morte, ouvistes os gemidos de mulheres feridas e de crianças indefesas! O sangue e os cérebros de operários mancharam as calçadas feitas com as suas próprias mãos. Quem dirigiu as tropas, as espingardas e as balas para o peito dos operários? O tsar, os grão-príncipes, os ministros, os generais e os patifes da corte.

«**Eles são os assassinos! - morte a eles! Às armas, camaradas**, apoderai-vos dos arsenais, dos depósitos de armas e das lojas de armas. Camaradas, demoli as prisões, libertai os combatentes pela liberdade. Destroçai os departamentos dos gendarmes e da polícia e todas as instituições oficiais. Derrubemos o governo tsarista, estabeleçamos o nosso. **Viva a revolução**, viva a assembleia constituinte de representantes do povo! - **O Partido Operário Social--Democrata da Rússia.**»

O apelo à insurreição deste punhado de operários avançados e cheios de iniciativa não teve êxito. Não nos surpreenderiam nem nos desencorajariam vários apelos malogrados à insurreição ou «marcações» malogradas da insurreição. Nós deixamos ao novo *Iskra* o cuidado de a este propósito perorar sobre a necessidade da «revolução nas relações sociais» e de condenar grandiloquentemente o «utopismo» dos operários que gritaram: «estabeleçamos o nosso governo!» Só irremediáveis pedantes ou confusionalistas podem ver o centro de gravidade de semelhante apelo nesta exortação. É importante que notemos e sublinhemos esta notável e ousada maneira prática de abordar a resolução da tarefa que hoje se nos coloca directamente.

O apelo dos operários de Sampetersburgo não se realizou nem podia realizar-se tão depressa como eles queriam. Este apelo será ainda repetido mais de uma vez, e as tentativas de insurreição podem ainda conduzir repetidamente a malogros. Mas tem uma importância gigantesca o próprio facto de esta tarefa ser colocada pelos próprios operários. A aquisição que foi feita pelo movimento operário, que chegou à consciência da urgência prática desta tarefa e que aproximou do primeiro plano a sua colocação em qualquer agitação popular, é uma aquisição que nada pode retirar ao proletariado.

Os sociais-democratas apresentaram a palavra de ordem de preparação da insurreição já há três anos, na base de considerações gerais. A actividade independente do proletariado chegou a esta mesma palavra de ordem sob a influência das lições directas da guerra civil. Há actividade independente e actividade independente. Há a actividade independente do proletariado com iniciativa revolucionária e há a actividade independente do proletariado não desenvolvido e que é movido por cordelinhos, há a actividade independente conscientemente social-democrata e a actividade independente zubatovista⁸. E há sociais-democratas que mesmo no momento actual contemplam com veneração este segundo tipo de actividade independente, que pensam que se pode eludir a resposta directa às questões candentes repetindo uma infinidade de vezes as palavras «de classe». Tome-se o n.º 84 do *Iskra*. «Por que é que», investe contra nós o seu «editorialista» com ar triunfante, «por que é que não foi uma organização estreita de revolucionários profissionais que pôs em movimento esta avalanche (do 9 de Janeiro), mas a Assembleia de operários? **Porque esta Assembleia era uma organização realmente (oiçam!) ampla, baseada na actividade independente das massas operárias.**» Se o autor desta frase clássica não fosse um admirador de Martínov talvez ele percebesse que a Assembleia prestou um serviço ao movimento do proletariado revolucionário precisamente quando e na medida em que passou da actividade independente zubatovista à actividade independente social-democrata (após o que ela deixou imediatamente de existir como Assembleia legal).

Se os novo-iskristas ou os novo-rabotchedelistas não fossem seguidistas, veriam que foi precisamente o 9 de Janeiro que mostrou a justeza do prognóstico dos que diziam: «a legalização do movimento operário beneficiar-nos-á, no fim de contas, a nós, e não, de modo nenhum, aos Zubátov» (*Que Fazer?*). Foi precisamente o 9 de Janeiro que mostrou toda a importância da tarefa aí formulada: «preparar os ceifeiros que hoje saibam arrancar o joio» (isto é, paralisar a actual corrupção por parte do zubatovismo) «**e amanhã ceifar o trigo**»⁹ (isto é, dirigir revolucionariamente o movimento, que deu um passo em frente com a ajuda da legalização). Mas os pobres de espírito do novo *Iskra* fazem referência à abundante colheita de trigo para rebaixar a importância de uma firme organização de ceifeiros revolucionários! Tal como os bundistas, ele só alardeiam a palavrinha «actividade independente dos operários»!

Seria criminoso - continua o mesmo editorialista novo-iskrista - «atacar a revolução pela retaguarda». O que significa propriamente esta frase, só Alá sabe. Qual a sua ligação com a fisionomia geral oportunista do *Iskra*, disso falaremos provavelmente em particular de outra vez. Agora basta apontar que o sentido político real desta frase é só um, a saber: o autor roja-se perante a retaguarda da revolução, torcendo desdenhosamente o nariz à vanguarda «estreita» e «jacobina» da revolução.

8 Lénine tem em vista uma das formas de luta do tsarismo contra o movimento revolucionário russo em 1901-1903, que consistia na introdução de organizações operárias legais sob o controlo da polícia. Nelas pregava-se as ideias do «economismo», com o fim de desviar os operários da luta política. Devido ao nome do seu iniciador - o coronel de polícia Zubátov -, esses círculos eram chamados «zubatovistas».

9 V. I. Lénine, Obras Escolhidas em três tomos, Edições «Avante!»-Edições Progresso, Lisboa-Moscovo, 1977, t. I, pp. 160-161. (W. Ed.)

A tática do seguidismo e a tática da social-democracia revolucionária tornam-se tanto mais claras em toda a sua oposição quanto mais o novo *Iskra* mostra o seu zelo martinovista. Indicámos já no n.º 1 do *Vperiod*¹⁰ que a insurreição tem de unir-se com um dos movimentos espontâneos. Consequentemente, não esquecemos de modo nenhum a importância de «assegurar a retaguarda», para empregar uma comparação militar. Falámos no n.º 4 da tática justa dos membros dos comités de Sampetersburgo, que logo desde o princípio orientaram todos os esforços para apoiar e desenvolver os elementos revolucionários do movimento espontâneo, mantendo ao mesmo tempo uma atitude reservada e desconfiada em relação à retaguarda ignorante e zubatovista deste movimento. Vamos agora acabar com um conselho que ainda teremos de dar muitas vezes aos novo-iskristas: não rebaixeis as tarefas da vanguarda da revolução, não esqueçais o nosso dever de apoiar esta vanguarda com a nossa actividade independente **organizada**. Dizei menos frases gerais sobre o desenvolvimento da actividade independente dos operários - os operários manifestam um nunca acabar de actividade independente que vós não notais! - e velai mais por não corromper os operários não desenvolvidos com o vosso próprio seguidismo.

10 **Vperiod**: jornal semanal bolchevique ilegal; publicou-se em Genebra de Dezembro de 1904 a Maio de 1905, tendo saído 18 números. A redacção era chefiada por Lénine. O jornal prosseguiu as tradições do *Iskra* leninista e lutou pelo reforço do partido.